

Em se autodeterminar um bem comum transfeminista, Lucha 2.0 reconhece a ação política experimentada e praticada por Lucha y Siesta como estrutura de referência.

Portanto as práticas e condições que assumimos como imprescindíveis são:



* Os conhecimentos e as práticas feministas e transfeministas. São chaves da atual leitura a partir do conhecimento da violência contra todo tipo de gênero, como fenômeno complexo, sistêmico e transversal em todos os âmbitos de nossas vidas. O antifascismo, o antirracismo, o antissexismo, o contraste a homolebobitransfobia, a luta contra a centralização das pessoas chamadas fisicamente aptas, a desconstrução dos estereótipos de gêneros. Valores imprescindíveis, porque fluidez e abertura não são ausências de orientação.



* O lugar das mulheres e sua liberdade individual.
Discutir os espaços materiais e simbólicos indispensáveis que vivem na dinâmica do desejo, que produzem saber, cultura, elaboração de critério e de pensamento político.



* A autodeterminação e o autogoverno.
* O acesso aos direitos. Porque Lucha 2.0 não fornece serviços, mas abre as portas de acesso aos direitos, ou seja, se configura como espaço onde é possível ressignificar-se, reinventar-se experimentando metodologias pontuais e jamais neutras.



* A cura através das redes de relacionamentos. Porque não existem nem corpos, nem espaços neutros rigidamente proporcionais, é através das relações e das trocas contínuas que encontramos valores capazes de grandes e avançadas transformações.



- * A Assembleia, reunião aberta, horizontal e inclusiva, o coração do inteiro processo.
- * A prática de consenso. Todo processo de decisão é definido através da prática consensual de todos e todas envolvidos/as.
- * A inclusão, adotada como paradigma fundador e praticada a partir da comunicação e da linguagem.
- * A desconstrução da hierarquia de poder.



* O Conflito. Porque Lucha 2.0 estimula o conflito verso o externo, o valoriza e o repara internamente distinguindo em maneira íntegra da violência.

* A Institucionalidade. Porque Lucha 2.0 se autodetermina uma instituição permanente do feminismo, capaz de inventar e reinventar o direito vivo e um diálogo equivalente com instituições locais e nacionais.



* A constante reflexão da auto narrativa. Porque se auto narrar com língua, linguagem, estratégia e postura diferentes não significa apenas se render visível e compreensível, mas também participar de um processo coletivo de desconstrução da narração mainstream da violência.



* A responsabilidade difusa. Difundir responsabilidade é praticamente multiplicar autonomia. Porque qualquer pessoa que se sinta parte da comunidade de Lucha 2.0, ou seja, qualquer pessoa que compartilhe práticas e condições fundamentais é Lucha 2.0, portanto é chamada legitimamente a compartilhar o saber, a competência, a energia e o tempo de acordo com a sua vontade e disponibilidade.



* Lucha 2.0 reivindica o uso crítico e criativo dos instrumentos normativos e avaliativos existentes, porque vive na contradição da realidade que continuamente subverte.

Hackear é o método usado para obter tudo aquilo que possuímos sem se esquecer que não será jamais suficiente, principalmente se considerarmos o enorme débito de cuidado que devemos exigir continuamente. A própria existência de Lucha, em autodeterminar-se instituição, ao exceder as normas existentes, ao friccionar as atitudes estáticas e disciplinantes das leis, provoca um estresse que move uma força para a mudança.

